

## Nove dias depois do ataque à vila de Palma

### **Dez mil deslocados esperam por socorro em Afungi e Governo anda em reuniões de ameaça a activistas**

**- Total já ajudou no transporte de cerca de 1500 deslocados para Pemba e já distribuiu quase 15 toneladas de alimentos para as pessoas que continuam apinhadas em Afungi**

Maputo - Mais de uma semana depois do ataque à vila de Palma, a escassos quilómetros do coração do investimento bilionário do gás natural, ainda não se conhece uma comunicação oficial das autoridades moçambicanas sobre a forma como estão a gerir e pensam gerir o drama humanitário que se assiste, realidade que está a suscitar contundentes críticas. Aliás, ao que parece, o Governo transferiu as suas responsabilidades para as organizações de apoio humanitário, particularmente das Nações Unidas. Mas, a Total, a empresa operadora no projecto LNG Mozambique, praticamente virou, igualmente, uma organização de apoio social e não de negócios, como é sua vocação. Estas entidades, em conjunto, tentam tapar lacunas de um Estado e Governo quase ausentes e incapazes de desempenhar, com razoável competência, o seu papel. Ontem, o mediaFAX passou todo o dia a tentar falar com o Instituto Nacional de Gestão de Desastres (INGD), exactamente no sentido de buscar compreender as linhas mestras da abordagem que está e deve acontecer para tentar minimizar o drama humanitário que, já há muito instalado por conta dos ataques armados, agudizou-se e atingiu um ponto que pode estar próximo do extremo. Dos contactos nada resultou. Nada resultou porque, ao que pareceu pelas respostas “sms” que o mediaFAX recebeu do pessoal do INGD, a instituição estava reunida, na sede, em Maputo. Talvez era no âmbito da situação da actual situação de emergência em Cabo Delgado, mas o facto é que se está perante um cenário que, mais do que reuniões, o cenário requer gente no terreno. No âmbito da mesma “mania”, de realizar tantas reuniões em tempos de emergência, o Governo Provincial de Cabo Delgado também fez o mesmo na terça-feira. Juntou-se à mesma sala com activistas das Organizações Não Governamentais e de apoio humanitário. Entretanto, além de a reunião ter servido para coordenar acções de resposta rápida, tendo em conta que se acredita que milhares de pessoas estejam ainda nas matas à busca de lugar relativamente seguro, o Secretário de Estado provincial, Armindo Ngunga, usou o encontro para proferir ameaças. Reiterou que ninguém devia fazer imagens de acções de apoio humanitário, incluindo a recepção de refugiados que desembarcam, tanto no porto de Pemba, assim como no aeroporto. Aliás, em relação a isto, vários jornalistas não conseguiram captar imagens da chegada dos navios que, vindos de Palma, atracaram no porto daquela cidade. É tudo proibido, e tudo sob pretexto de garantir segurança e evitar especulação. Por outro lado, o Presidente da República, segundo se sabe, fez o seu primeiro pronunciamento sobre o ataque a Palma sete dias depois. E a aparição pública do Chefe de Estado foi somente para dizer que os moçambicanos não deviam se atrapalhar, alegadamente porque essa é intenção dos inimigos. Até porque, para o Presidente da República, não havia espaço para tanto alarido, pois, na sua interpretação, o ataque a Palma nem tinha sido o maior de tantos ataques terroristas que já houve. É um discurso que foi interpretado como de minimização do sofrimento da população e do indescritível drama humano que se vive. As críticas em torno da postura do Governo perante o actual cenário de emergência fizeram-se ouvir, igualmente, quando o Chefe de Estado, no lugar de voar para Pemba para, simbolicamente, confortar as vítimas do terror, viajou à Ponta D'Ouro para inaugurar uma delegação distrital do Instituto Nacional de Segurança Social. No dia seguinte, ontem, e em pleno momento de restrição severa de consumo de álcool, o Chefe de Estado foi a Marracuene inaugurar uma nova fábrica de cerveja. Dez mil pessoas em Palma Enquanto o Governo continua, ora em silêncio, ora em reuniões de ameaças a activistas, em Afungi, em Palma, em outros cantos da província, e em outras províncias, o número de deslocados que clama por ajuda aumenta. Fontes ligadas ao processo de apoio humanitário disseram, ao mediaFAX, que só na vila de reassentamento em Afungi, cerca de 10 mil pessoas estão concentradas, sem rumo, algumas ape nas

com roupa de corpo. São crianças, homens, mulheres e idosos, que todo o apoio precisam porque tudo perderam. Nisto, a Total já conseguiu transportar de Afungi para a cidade de Pemba, via marítima e aérea, quase 1500 pessoas deslocadas, além dos cerca de 1200 trabalhadores do projecto LNG. E à chegada, mais do que autoridades governamentais, são as ONG que recebem e procuram encaminhar os deslocados. Mais ainda. A Total já distribuiu perto de 15 toneladas de produtos alimentares, em apoio aos milhares de deslocados que passaram e ainda estão em Afungi, o único local actualmente seguro no distrito de Palma. Há ainda apoio do ponto de vista de assistência médica, que de acordo com fonte ligada à gestão emergencial em Cabo Delgado, está a ser providenciado pelo pessoal da Total, apesar de contar com o contributo da Médicos Sem Fronteiras. (Redacção)

MediaFAX, 02.04.2021, nº. 7292, Pág.1/2,